



Taxa Paga
Portugal
Contrato 236425



Autorizado a circular
em invólucro fechado
de plástico ou papel.
Pode abr-se para
verificação postal.

DE00442018AN

Fundador: Padre Américo

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

2 de Fevereiro de 2019 • Ano LXXV • N.º 1954
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



Gaiato

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O Património dos Pobres, segundo o pensamento do Pai Américo, destina-se primariamente a auxiliar os Pobres na sua habitação e a denunciar perante o público, as autoridades e a Igreja Católica a dramática situação de tantas famílias privadas do acesso a uma casa digna.

Não me calo, nem jamais deixarei de gritar, como faz o Papa Francisco, enquanto sentir o alheamento dos confortados pela riqueza pessoal, pelo poder político ou religioso e pelos que têm duas, três ou mais casas, na cidade, no campo, na praia, neste e noutros países, para gozar férias e passar; não se incomodando com o frio, a doença e desânimo daqueles que não têm capacidade para enfrentar a distração voluntária, contínua e persistente dos ricos e poderosos.

Sem casa, ninguém pode viver. As baracas, e os aglomerados familiares no mesmo andar, são, quase sempre, uma descida para a miséria social que recai sobre os Pobres, sobre o Estado e todos os cidadãos — Pobres, remedados e ricos. A miséria desaba sobre nós como uma maldição generalizada.

Um casal a viver num carro velho, gente madura, ele com uma pneumonia e ela, pessoa habituada a um certo recato e algum nível humano, vem ter comigo com uma carta e a recomendação do senhor Bispo para que eu lhes arranje uma casa.

— Eu não tenho casas. Era bom se as tivesse...

Mandei-os procurar no mercado imobiliário uma casa para habitarem, compro-

Continua na página 4



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Casas dos Pobres

«**V**ENHO cá para agradecer!» — assim se nos dirigiu uma mãe acompanhada de um dos seus filhos. Por eles, havia intercedido a Conferência Vicentina local. A cobertura da habitação desta família necessitava de obras, e não dispunham, nem uns nem outros, de meios para as pagar. «Todos os dias tinha que mudar a cama desta minha filha para fugir aos pingos da chuva que caíam do tecto», acrescentou. De facto, a cobertura não dispunha de telhado, resumia-se à placa que havia sido forrada com tela há muitos anos, mas que, com o tempo, se deteriorou.

É neste período do Inverno, que os pobres mais nos batem à porta a pedir ajuda para a reparação das coberturas das habitações. Como diz o Povo, só nos lembramos de Santa Bárbara quando troveja.

Outra mãe, que habita com um filho e o marido numa casa do Património dos Pobres, trouxe carta do pároco a pedir que a ajudemos a recuperar o telhado da casa que está em mau estado pois já tem várias dezenas de anos. «Quando vim para aqui morar, o chão ainda era em terra! Fomos melhorando o interior da casa, mas o telhado não pudemos».

A paróquia tem várias casas do Património, algumas foram reparadas com apoio camarário mas, ainda assim, ficou a paróquia endividada com os gastos das obras, daí o pedido do pároco.

Fomos ver, e prometemos-lhe cobrir a maior parte da despesa na recuperação do telhado. O restante virá dos seus próprios meios, com que poderão participar nesta melhoria da sua casa.

Bem pertinho, outra casa do aglomerado está a precisar de obras urgentes no interior, cujo tecto está prestes a cair e as janelas e as portas estão em muito mau estado. Os habitantes desta são de nós conhecidos há muitos anos. Era o chefe de família, entretanto falecido, que com o seu parco rendimento sustentava a família com o pouco que sobrava dos gastos com os muitos medicamentos, que a doença lhe exigia. Pontualmente íamos ajudando, pelo que eram bem nossos conhecidos. Apesar disso, o ex-presidente da Junta local veio agora juntar-se-lhes no pedido, para que o tecto, em forro de madeira, não venha a cair sobre alguém.

Por estas bandas, não conhecemos casas do Património dos Pobres sem habitantes. Todas cumprem a sua missão. E mais houvesse... Pena é que pouco mérito lhes seja atribuído pela sociedade em geral, e ainda menor é o que lhes atribui quem tem funções de governo. Se assim tratam estas casas dos Pobres, daí se infere o valor que se atribui a quem as habita. Se não as carregassem de impostos, atendendo ao seu cariz peculiar, quem sabe se não se fariam mais casas para os deserdados da sociedade, à sua medida? Seria sinal de que o valor intrínseco das casas era apreciado e as pessoas que delas necessitam respeitadas. □

VINDE VER!

Padre Quim

O Feliz

A felicidade é um desejo muito querido dos seres humanos. Ela é procurada de diversas formas e sobre vários caminhos enquanto o homem se faz ao longo da sua peregrinação, nesta curta e aliciante viagem à luz do sol. Muitas vezes os meios para o seu alcance revelam-se pouco eficazes para tal fim. E quando assim sucede quase sempre retira-se a culpa própria e passa-se a atribuir ao outro. Alguém tem de cobrir com a sua sombra as manobras fracassadas de outrem. O homem é feliz quando descobre a sua verdadeira missão neste mundo e tudo faz para a realizar, mesmo que seja debaixo de enormes sacrifícios. Quando alcança o estado de equilíbrio consigo mesmo, com o outro, com os outros seres criados e com Deus. Teve razão aquele que afirmou que “as portas do castelo da felicidade abrem-se para o lado de fora”. Nós somos a porta aberta, Obra dedicada aos pobres, doentes e crianças em situação de risco. Vivemos para servir até ao fim. Somos uma só família unidos pelo mesmo vínculo, o amor aos pobres de modo preferencial.

Nestes dia a seguir ao Novo Ano, veio numa tarde pelas mãos da polícia o nosso novo membro da família, que andava perdido pelas ruas de Benguela, fortemente mergulhado na vadiagem e outros males pesados para a sua ainda verde idade. Encontrava-me ausente de casa pelo movimento frenético imposto pelas escolas no acto de inscrição e matrícula para conseguir 12 novos lugares na 10ª classe. Perto à hora do Terço, à porta do escritório veio um menino novo. Sinais evidentes de uma vida dura lá fora, marcados no seu rosto, olhar atento e corajoso dominam a atenção da nossa rapaziada. A primeira pergunta: Qual é o seu nome? Veio de imediato a pergunta como se de um soldado pronto e destemido se tratasse. «Feliz», disse o garoto. Pois feliz é agora porque tem uma verdadeira família que vai cuidar de si — veio esta confirmação dentro de mim. E quando li a nota vinda do Ministério Público fiquei admirado. Agora está connosco em segurança. Verdadeiramente feliz. Aqui não há polícias, nem prisão, há, sim, a liberdade, muita liberdade e muita responsabilidade para ser feliz, não só de nome, mas em realidade factual. O Feliz não tem documentos para poder ir à escola, já tem 13 anos de idade, gosta de trabalhar e quando tratado com carinho retribui sempre carinho e amor. A rua já era. São contas do passado amargo. No presente é feliz. A conclusão é de Pai Américo: “Deus do Céu e meu Senhor que o Gaiato seja a palavra nova que apaixone as almas e lhes dê saudades das coisas divinas”. □

SINAIS

Padre Telmo

A Laudato Si, do Papa Francisco, alerta a humanidade inteira para o ataque à vida e beleza da nossa Mãe-Terra.

As grandes nações e poderes económicos fingem não ver e vamos na onda de uma cegueira colectiva.

«Educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente. A carta da Terra convida-nos a todos a começar de novo, deixando para trás uma etapa de autodestruição» — Papa Francisco. E continua: «Esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou».

Este clamor vem:

- Dos gelos dos pólos que estão derredendo;
- Do derrube de florestas para dar lugar a campos de soja e manadas de gado;
- Dos rios de tinta e lama, onde já morreram milhões e milhões de peixes;
- Da Terra e do mar pela invasão das montanhas de plástico e sujidades. Dizem os peritos que oito milhões de toneladas de plástico são deitados anualmente ao mar;

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

PARTILHA — Na quadra do Natal chegaram à conta da nossa Conferência mais donativos do que o que é habitual. Sem estarmos aqui a individualizá-los, queremos agradecer aos leitores que quiseram assinalar desse modo essa quadra festiva, bem como a todos os outros que, ao longo do ano, fizeram a mesma coisa.

Na parte que nos toca, agora, como sempre, faremos por dar a esses contributos a aplicação que nos parecer mais justa para as pessoas que acompanhamos, sendo que, uma boa parte irá para reparações em casas do Património dos Pobres de que já aqui demos conta nas crónicas anteriores.

Num mundo onde são muito poderosas as forças que puxam para o individualismo e para sentidos da vida que levam à desgraça, é preciso todo o empenho e mais algum no sentido da partilha solidária da qual a generosidade dos nossos leitores é um bom exemplo.

No seu posto e no lugar do mundo em que estiver cada um deve fazer tudo o que puder no sentido dessa partilha solidária: contribuir financeiramente para causas de ajuda a próximo, contribuir com o seu trabalho voluntário, ir aos sítios e contactar pessoalmente com pessoas que precisam de ajuda e com organizações que procuram cuidar delas, partilhar espaços e equipamentos que estão subaproveitados, partilhar saberes, etc., etc.

Seja muito, ou seja pouco, há tanto, tanto, tanto que pode ser partilhado de forma solidária. Tudo isto junto poderá mudar para melhor a vida de muitas pessoas.

Sem isso, o que iremos vendo pelo mundo fora e até à nossa porta serão pessoas que se perdem no seu individualismo, sem um sentido positivo para as suas vidas, ou a dar cabo da vida doutras pessoas e do que está à sua volta, como infelizmente vemos nos noticiários de todos os dias, ou até presenciamos directamente.

Todos podemos fazer alguma coisa, por pouco que seja, para impedir que isso aconteça, se formos capazes de partilhar mais, de forma solidária.

Os nossos contactos:

(só para assuntos da Conferência e não para assuntos da administração do Jornal)

Conferência de Paço de Sousa
A/C Jornal O Gaiato
4560-373 Paço de Sousa

Telem. 965464058
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt

O nosso NIB: 004513424003543534043 (só para donativos para a Conferência Vicentina). □

BEIRE — “Heroínas do bem e do belo!”...

... Palavras e mais palavras!...
Gosto de ruminar os livros de P.^e Telmo. Tudo neles esguicha para “novos céus e uma nova terra” (Apl 21, 1). De muitas formas diferentes, mas tudo o que escreve (*ai os “SINAIS”!*...) empurra para essa inquietante “utopia da humanidade”. Uma velha “utopia” que Jesus de Nazaré já recebeu dos “livros sagrados” (ela paira em toda a Bíblia!) e nela foi educado. E a que, depois, deu a máxima expressão ao proclamar a chegada, já próxima, d’*O Reino dos Céus / Reino de Deus...* Um mundo em que Deus (Bondade, Beleza, Verdade) possa *reinar-servindo...* “O Filho do Homem (o Ser Humano!) veio para servir, não para ser servido” (Mc 10, 32-45). Sem deixar ninguém fora desse *Reino de Amor e Justiça*. Porque “sem Justiça, não há Paz, e sem Paz, não há Amor”, insistia Pai Américo.

Encanta-me descobrir convergências. Porque *tudo o que converge cresce*. E é assim que gosto de ler esta velha utopia que, resumindo uma cultura judaico-cristã, entrou no Ocidente através do latim e, hoje, através do inglês, começa a entrar na nossa laicizada *cultura moderna*, escondida em fórmulas que já correm mundo: *The Common Good of Humanity* [O bem comum da humanidade] e/ou *The Common House of Humanity* [A casa comum da humanidade]. Sei que este paralelismo parece pouco “ortodoxo” aos nossos “mandalas mentais” que nos encarceram ainda em culturas passadas — a judaico-cristã, a islâmica, a indú... A demonstrar limitações que nos impedem de abraçar — *acolhendo* — esse doce *mistério do real* que sempre nos puxa e/ou nos empurra para *Mais Além*.

PAÇO DE SOUSA

Nuno Machado

GINÁSIO — Estamos a preparar a antiga sala de música para ser um ginásio, aonde poderemos praticar vários exercícios físicos. Antes, tinha lá coisas que nos iam dando, algumas já sem utilidade, por isso, alguns Rapazes estão a fazer limpeza da sala. Quando já estiver feita a limpeza, iremos montar lá todos os aparelhos que temos de ginástica, que nos foram oferecidos, para podermos fazer musculação e outros exercícios.

FUTEBOL — Mais uma vez o nosso Grupo Desportivo em Futsal fez um jogo para o campeonato, contra o Ordins, mas desta vez não conseguimos ganhar. Foi a primeira derrota. O jogo ficou 4-1. O nosso marcador foi o Fadul. Ao intervalo já perdímos por 1-0. No balneário o nosso treinador disse-nos para atacar mais vezes, mas acabamos por sofrer mais golos. No final, o Fadul

marcou o nosso golo. Esperamos pela segunda volta para ganhar e passarmos para primeiros. A equipa de futebol de 11 continua a lutar pela vitória.

TRABALHO — O Daniel, que terminou o seu curso de electricista, anda à procura de trabalho. Já foi a vários sítios mas ainda não conseguiu. Também um antigo gaiato e a sua esposa andam a procurar um trabalho em que possam trabalhar juntos, como gostariam, tomando conta de alguma pessoa que necessite e, ao mesmo tempo, cuidando de alguns terrenos. Quem sabe se algum dos nossos Leitores os poderá ajudar!

MÚSICA — Os nossos cantores estão a ensaiar cânticos novos para a Missa. O Miguel é o ensaiador, ajudando os Rapazes a tocar e a cantar. O Joel, o Júnior e um rapaz nosso amigo, tocam viola. O Quintino toca

cavaquinho. O Alzirto toca órgão. O Ratzinquer toca caixa. E assim é o nosso coro que anima as nossas celebrações da Eucaristia. □



Sofia Santos e Nuno Rites — filho do David que foi da Casa do Gaiato de Paço de Sousa — no dia do seu casamento.

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

CATEQUESE — Uma grande vontade do nosso Pai Américo é que a nossa vida espiritual esteja no centro das actividades das comunidades da nossa Obra. Assim, especialmente a Eucaristia dominical e nos dias santos, e também as Confissões, o Terço diário, a Bênção da mesa, as Orações da manhã e da noite, a Catequese e os Retiros devem fazem parte da nossa vivência como *filhos* da Obra da Rua. É difícil encontrar quem se disponha, mas conseguiu-se que alguns grupos vão tendo Catequese ao sábado e à sexta-feira, de tarde, com as professoras Fernanda e Helena. Aqueles Rapazes que foram baptizados e receberam a Primeira Comunhão continuam as suas caminhadas; e outros rapazes estão a preparar-se para receber estes grandes sacramentos da nossa fé cristã.

TEATRO — A arte teatral tem feito parte da formação dos Rapazes desde os começos da nossa Obra.

Entre outros sítios, na nossa Casa e em Coimbra, Aveiro e no Porto já tivemos várias actuações em momentos significativos da nossa Casa e da Obra da Rua, e também vamos participando noutras actividades para as quais somos convidados, como aconteceu com o belo espectáculo no *Dia Mundial do Pobre*, em 18 de Novembro, no Cine-Teatro Messias, na Mealhada. Voltámos a essa sala de espectáculos a 15 de Dezembro, com uma *dança africana*, na festa de Natal da Misericórdia da Mealhada. A responsabilidade deste sector tem sido, desde há vários anos, do nosso professor Paulo Sousa.

DESPORTO (FUTEBOL) — Quando o tempo permite, temos treinado aos sábados de tarde, no campo de futebol (Rapazes mais crescidos) e no campo de ténis (Rapazes da casa-Mãe), efectuando preparação física e jogo de futebol, sob orientação de João Fernandes [Aurélia],

antigo gaiato, e a ajuda do José Fagundo [Pinóquio]. Nos recreios, gostamos muito de jogar à bola.

EDUCAÇÃO MUSICAL — Desde o início de Janeiro, aos sábados de manhã, que começamos a ter aulas de Educação Musical para dois grupos de Rapazes, com a professora Maria João, da Academia de Música da Lousã. É bom aprender música, desde pequeno, pois faz parte da nossa formação ter gosto e conhecimentos na arte musical.

PSICOLOGIA CLÍNICA — Há vários anos que o serviço de Psicologia tem sido garantido no Hospital Pediátrico de Coimbra e ainda na Casa de Saúde Rainha Santa Isabel, das Irmãs Hospitalareiras, em Condeixa-a-Nova, com as consultas (quando necessário) do Dr. Paulo Santos, Psicólogo amigo, pelo qual agradecemos esta boa parceria. □

Um admirador

— Alto lá, Senhor General. Eu estou a remediar. Eu falo para remediar!

Aprender a “revisitar os conceitos” de e de e de... Recordo ensinamentos que recebi. Têm-me sido muito úteis ao longo do meu peregrinar por esta vida que me cabe viver. Trabalhava eu com a toxicodependência — esse vírus indomável que ameaça, forte e feio, todo o tecido social. Nessa altura, fixei que “todas aquelas pessoas que têm por missão lidar com pessoas deveriam, periodicamente, RE+visitar os seus conceitos de Pessoa e de Ajuda”. Foi uma luz que se me acendeu. E que jeito me tem dado! Hoje, alargo essa ideia a coisas como o voluntariado, a religião, o amor, a saúde, a educação, o serviço



direitos; dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”. É o 1º art da Declaração dos Direitos Universais do homem. Alegra-me também o pensar que todos estes avanços da Ciência e da Política sociais têm, na sua pré história, o nome de *Obra da Rua*. Uma “palavra nova” que, na década de quarenta, acordou Portugal inteiro para os problemas sociais de que, pelos vistos, até então era “proibido falar”. Porque nisto também Pai Américo foi pioneiro. Empurrado /“imbuído” pelo *Espírito do Evangelho* (“coisa” já quase desconhecida...), foi tangendo Portugal inteiro para a frente. “Eu estou a remediar”, gritava ele às autoridades do tempo, quando lhe diziam que “em matéria social, aquilo que não se pode remediar, também não se pode falar”. Ouço a sua voz firme e ousada:

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Do Padre Jacinto de Sousa Borba

Continuação do número anterior

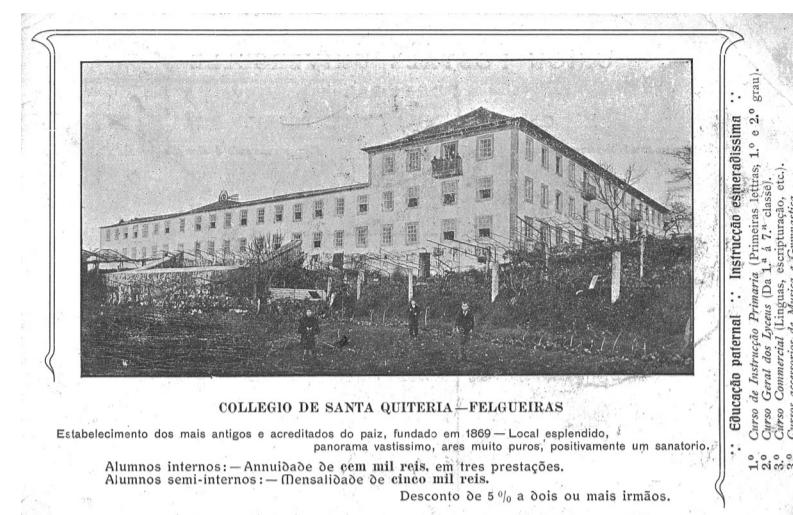
CONTINUAMOS com muito agrado nesta pequenina missão de escrevinhar algumas breves notas biográficas sobre o Padre Jacinto de Sousa Borba, pois Américo Monteiro de Aguiar veio a encontrá-lo no Colégio de Santa Quitéria, em Felgueiras, no declinar do século XIX, e a acção deste virtuoso sacerdote foi benéfica no seu itinerário vocacional.

Assim, retomando o fio desta meada, aos vinte anos, foi-se definindo bem a vocação de Jacinto de Sousa Borba para filho de S. Vicente de Paulo. Em Abril de 1875, deixou o Brasil e tomou o caminho da Europa, para começar o seu noviciado na casa-mãe dos Padres da Missão, na Rua de Sèvres, em Paris. Entretanto, visitou Bordéus, Dax e Lourdes, com o Padre Luis Forestier. Em 29 de Maio de 1876, ingressou no Seminário Interno e começou os seus estudos de Filosofia, que foi obrigado a interromper por falta de saúde.

Por isso, rumou a Portugal, procurando descanso, onde chegou a 9 de Janeiro de 1877. Refeitas as suas forças, continuou em Lisboa os seus estudos, cuidava do arranjo da igreja de S. Luís e dava algumas lições no Colégio de Maître, anexo a essa igreja. Em 30 de Maio de 1877, na igreja de S. Luís, em Lisboa, perante o altar de Nossa Senhora do Porto-Seguro, na presença do Visitador Padre Miel, pronunciou os seus Votos Perpétuos, religiosos, que o ligaram para sempre à família dos Padres da Congregação da Missão, de S. Vicente de Paulo.

Em Agosto de 1879, regressou a Paris; e recebeu a Tonsura e as Ordens Menores, em 11 de Junho de 1880, das mãos de um Bispo da Córsega, o Subdiaconado nas Temporas do Pentecostes de 1881, pelo Bispo (lazarista) Mons. Taillabas, e o Diaconado em 16 de Agosto do mesmo ano, das mãos do mesmo Prelado.

A sua precária saúde obrigou-o, mais uma vez, a demandar o lindo céu e o claro sol de Portugal, em Novembro desse ano de 1881, como escreveu o sábio cronista dos Padres da Missão. Entretanto, no dia 24 de Junho de 1882, na capela da Nunciatura,



então à Rua do Quelhas, em Lisboa, Jacinto de Sousa Borba foi ordenado Presbítero pelo célebre Núncio Apostólico em Portugal [1879-1883], Monsenhor Caetano Mazella [30-IX-1826-22-XI-1902]. No dia seguinte, celebrou Missa Nova, na igreja de S. Luís, Rei de França. No mesmo dia, em Lisboa, também o Padre Francisco Rodrigues Cruz [29-VII-1859; 1-X-1948], seu amigo, celebrou uma primeira Missa. Este piedoso e bom sacerdote veio a falecer em Lisboa com fama de *santidade* — o santo Padre Cruz. Depois, o Padre Jacinto Sousa Borba foi exercendo o seu ministério sacerdotal na igreja de S. Luís, em Lisboa, até 1889. Serviu no confessional, na direcção espiritual do Asilo de S. Luís, à Rua do Carvalho [depois, Luz Soriano], e no ensino na Maître de S. Luís.

Em 1889, o Padre Emílio Miel, Visitador Provincial, enviou-o para o Colégio de Santa Quitéria, em Felgueiras, que estava então em pleno esplendor sob a direcção do inteligente e activo superior Padre Alfredo Fragues [4-X-1856; 5-X-1910]. A sua [do Padre Sousa Borba] dedicação aos rapazes e o seu jeito especial para se ocupar deles evidenciaram-se desde logo, fazendo dele um valioso colaborador dos seus superiores. Ao lado do Colégio de Santa Quitéria, dos pensionistas, funcionava uma Escola Apostólica, para preparar vocações para a Congregação da Missão. Como em 1890 o Padre José Gonçalves, que a dirigia, rumou à Madeira, foi nomeado director o Padre Sousa Borba.

Com a acção e o desenvolvimento que tomou o Colégio

social, etc.. Para se manterem vivos. E não correr o risco de cair na alçada daquela questão que o Mestre pôs aos letardos e fariseus d'aquele tempo: — ... O Homem não é para o sábado... (Mc 2,27). Urge estar atentos. Porque são áreas em que é perigoso cristalizar, e cair nos radicalismos da Lei e/ou dos Profetas, ignorando os avanços que a vida lhes vai impor.

Ora, analisando bem o evoluir da vida, mesmo em termos visíveis e palpáveis, sempre nos res-

alta que tanto o sábado (o Estado com suas leis) como o homem (esse irrequieto, sempre insatisfeito, que não cabe em camisa de forças...) não podem subsistir sozinhos. São como que cara e coroa um do outro. Irmãos siameses que não podem sobreviver separados. Por isso é que Jesus, o irrequieto e inquietante Nazareno de há dois mil e tantos anos atrás, ainda está vivo. Para inquietar. Para continuar a dizer-nos que nem a Lei (o Estado, com seus Serviços Sociais) nem os Pro-

alma, cheia de fé e de delicados e generosos sentimentos.

Foi precisamente às portas de um novo século que um rapazito à beira de 12 anos, depois de frequentar o Colégio de Nossa Senhora do Carmo, vindo das terras de Penafiel — do Salvador de Galegos, por vontade de seu pai Ramiro Monteiro de Aguiar, foi recebido no Colégio de Santa Quitéria, em Felgueiras. Sobre o momento seguro em que Américo Monteiro de Aguiar chegou a Felgueiras, as fontes escasseiam, pois a borracha anti-ecclesiastical de Outubro de 1910, com a infeliz perseguição religiosa, também provocou destruição no arquivo desse Colégio... Já demonstrámos noutros escritos [em primeira mão] que Américo Rodrigues Monteiro de Aguiar [sic] fez o exame de instrução primária [2.º grau - 4.ª classe] no dia 8 de Agosto de 1899, na cidade de Penafiel, de acordo com notícia da imprensa local [O Penafidelense, de 11-8-1899], que revelámos por consulta directa, e segundo um naco autobiográfico incisivo, em que confidencia: Eu fiz exame de primeiras letras mesmo na pontinha do derradeiro quartel do século XIX [O Gaiato, de 15-10-1944]. Eis, ainda, o testemunho de seu irmão Padre José Monteiro de Aguiar, arqueólogo e historiador penafidelense, sobre o início desta nova fase escolar: Em Outubro de 1899 foram os dois, António e Américo, para o Colégio de Santa Quitéria, em Felgueiras. Aquele frequentava o 2.º Ano dos liceus; este, francês e português, e depois estudará inglês e alemão, para ir para

Lourenço Marques. O Américo manifestou-se bom estudante, melhor do que o António.

Não encontrámos o paradeiro das fichas de matrículas dos alunos desse tempo, pois sumiu-se o arquivo antigo do Colégio de Santa Quitéria, devido à tomada de posse dos seus bens em 20 de Outubro de 1910, por uma força do Regimento de Infantaria 20, de Guimarães. Noutra ocasião, tivemos acesso a uma lista [manuscrita, feita *a posteriori*], discriminativa dos alunos que frequentaram o Colégio entre 1898 e 1900, da qual se poderia inferir que Américo de Aguiar teria ido para o Colégio de Santa Quitéria em 1898, o que não nos parece viável, pelos testemunhos credíveis acima aduzidos. Dessa informação se fez eco o Padre Carlos Moura, C.M., no livrto *Monte de Santa Quitéria — Felgueiras* [2.ª ed., 2018], comemorativo dos 150 anos da presença dos Padres Vicentinos em Felgueiras. Os Lazaristas entraram aí pela mão do Padre Joaquim José Álvares de Moura [19-XI-1815; 17-XI-1881], autor da obra *Horas do Exercício Espiritual do Christão ou Coleção de orações, devoções, exercícios e práticas Religiosas, com que o Christão deve nutrir o seu espírito*. [4.ª ed., Porto, 1862], de que temos um precioso exemplar, em que consta uma oração a Santa Quitéria, terminando assim: *pela sua intercessão sejamos livres das ciladas e furor do inimigo infernal, e preservados da peste e de todas as enfermidades do corpo e da alma*. Por Jesus Cristo Nosso Senhor.

Continua no próximo número

O «TROFA»

Padre Júlio



Faleceu, em 30 de Dezembro de 2018, o Geraldo Joaquim Sampaio d'Oliveira, que foi da nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa e entre nós era conhecido como «Trofa», tinha 82 anos.

«Sabemos da importância que a vossa instituição teve no crescimento do nosso familiar tão querido, que recorrentemente nos contava histórias de vida passadas nessa Casa, com aqueles que não sendo familiares de sangue, se tornaram as pessoas que mais atenção lhe deram nessa fase importante de crescimento.

Bem-hajam por continuarem a ajudar tantas crianças e jovens.»

Entrou nesta Casa do Gaiato em Outubro de 1949, como referem os nossos registos, tinha portanto esta Casa 6 anos de vida.

Há poucos anos veio procurar-me, preocupado com o futuro desta Casa. Pediu-me que tudo fizesse para que a hipótese da Casa fechar não viesse a acontecer.

Agora, que pedimos a Deus que o acolha junto de Si, pedimos-lhe nós a ele que interceda pelo bem e futuro desta nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa e de toda a Obra da Rua.

Que o «Trofa» seja recebido por Pai Américo no Céu, ele que em 1949 aqui o recebeu.

Muito grato à família pela notícia, que de outro modo não nos chegaria. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.pt • geral@obradarua.pt

www.obradarua.pt https://www.obradarua.pt/estatuto-editorial/

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 20050

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

metendo-me a ajudá-los nos primeiros meses. Isto aconteceu há mais de 30 dias e ainda não encontraram nada; pelo menos, jamais me apareceram.

Hoje, ter casas para alugar rende muito mais que ter o dinheiro no banco.

Alguns senhorios valem-se desta crise e exigem três, quatro e cinco meses de caução para fazer um contrato de arrendamento!

Qual é a família pobre que tem dinheiro para estas propostas? Nenhuma.

Dei 900 euros, em cheque, à mãe de família fugida do companheiro por maus tratos e ameaça de morte, com três filhos, duas já adolescentes, para alugar uma pequena casa, sendo dois meses de caução, comprometendo-se ela a manter o reduzido andar com o seu trabalho. Mas... mesmo assim é tão difícil! Quase impossível e só vemos um caminho de sobrevivência:

— A barraca, porque debaixo

da ponte ninguém consegue resistir.

Creio que a Constituição Portuguesa obriga o Governo a providenciar habitações para todas as famílias!

Quando, entre nós, apareceu um Governo de esquerda esperei que fosse uma governação voltada para os mais Pobres, mas... infelizmente enganei-me.

Quer uns, quer outros, todos procuram, em primeiro lugar, os seus interesses.

Os Pobres são carne para canhão. Deles, dos Pobres, apenas interessa captar votos.

Os Pobres são gente indefesa. Não fazem greves. Não reivindicam nada. Muito menos provocam revoluções. Não metem medo a ninguém. Então? Deixai-os. Que se arranjam.

Houve quem chamasse ao Padre Américo *o profeta do Vaticano Segundo* e foi em certa medida, mas a luz daquele Concílio projectou-se na Igreja mais na Liturgia do que na CARIDADE.

Que valor terá uma liturgia

animada, se na sua retaguarda não reflectir uma manifesta caridez ardente?... Se os Pobres são esquecidos, se os cristãos adormecem à volta do pároco ou se esses, sonhando, se lembram dos leigos apenas para a liturgia, a catequese e umas passeatas peregrinas!...

Como é actual a proposta do Padre Américo nunca desactualizada por ser evangélica!: **Cada freguesia cuide dos seus pobres!**

Onde estão as conferências vicentinas? Sim, onde estão? Quem, na hierarquia eclesiástica, se esforça por criar, no seu meio apostólico, conferências vicentinas com o espírito de Ozanam? Que fazem? Como inquietam os párocos e a assembleia eucarística com o sofrimento dos Pobres e os levam ao lugar onde estes vivem?

Os párocos e os padres inquietos afogariam os Bispos e estes, incomodados, gritariam mais alto, denunciando toda a mentira política e não se comprometeriam com ela, **em nada**.

Espero, pelo menos, que o meu grito contínuo seja ouvido pelos Apóstolos de Jesus Cristo. □

SINAIS

Padre Telmo

Continuação da página 1

• Do ar viciado — quase sem limite e sem fim.

NAS copas das altas seringueiras brincam os primeiros raios de sol. O sol da manhã! Ele vai apertando o abraço a toda a natureza — mesmo às ervas mais pequeninas.

«S. Francisco pedia que, no convento, se deixasse sempre uma parte do horto por cultivar para aí crescerem as ervas silvestres, a fim de que, quem as admirasse, pudesse elevar o seu pensamento a Deus, autor de tanta beleza.»

Uma grande parte da humanidade não vê... olha com prazer as suas fábricas e indústrias, seus bens, seus negócios e divertimentos. Prescinde de Deus.

— Desculpe, não sou crente.

— Não tenho nada a desculpar, mas tenho pena que não conheça o Senhor.

«Infelizmente, muitos esforços na busca de soluções concretas para a crise ambiental acabam, com frequência, frustrados, não só pela recusa dos poderosos — mas também pelo desinteresse dos outros», *Laudato Si.* □

NOVO E-MAIL DA OBRA DA RUA

Informamos os nossos Amigos que desde 30 de Novembro de 2018, o e-mail obradarua@iol.pt deixou de existir. O novo e-mail é **geral@obradorua.pt** e já se encontra em utilização. □

Página da OBRA DA RUA na internet



Visite o nosso site e encontrará diversa informação:

- Contactos
- Assinatura e leitura do Jornal O GAIATO nos seus dois formatos:
 - Edição digital
 - Edição impressa, digitalizada em PDF
- Livros da nossa Editorial e outras
- Biografia de Padre Américo
- Pedagogia da Obra da Rua
- Padres da Rua
- Memorial / Museu Padre Américo
- Documentação diversa. □

De cartas

«Junto envio cheque para contributo do envio do Jornal O GAIATO, que recebo há vários anos e que quero continuar a receber, pelo carinho que tenho pela Obra do Pai Américo, como pelo exemplo de tanta abnegação que nos transmite. O remanescente fica para aplicarem onde entenderem que é mais necessário. O Calvário toca-me muito, pois sei o que é difícil acolher e tratar doentes como os que vós acolheis e que toda a sociedade rejeita...»

Assinante 60788.»

«Remeto junto um cheque com duas finalidades que me farão o favor de respeitar... como compensação da remessa do Jornal O GAIATO, que venho recebendo, e lendo, com muito prazer, há várias dezenas de anos... Ficar-vos-ei também muito grato se me enviar... o livro O Calvário, da autoria do Padre António Baptista, por quem tenho muita consideração e a quem me sinto ligado por um momento inesquecível da minha vida profissional...»

Assinante 9836.»

SETÚBAL

Padre Acílio

Natureza

A natureza é a melhor técnica. Os seus prodígios são abundantes. Era o final e um dia feliz e eu regressava a Casa, entrando pelo caminho que leva à vacaria. Nisto vejo três miúdos dos mais pequenos de costas voltadas para mim, cabeça baixa em semicírculo, como quem acarinha, à volta não sabia eu de quê. Parei o carro, desci e aproximei-me:

— Então?... Que fazem vocês?

— Apanhamos uma pombinha e temo-la aqui nesta gaiola!

Não sei onde foram achar a gaiola mas também me deixei prender pela felicidade dos pequeninos.

Dado ao meu encanto, não pela ave que devia estar doente, mas pelo delírio deles, perguntei-lhes como tinham apanhado a pomba.

— Estava ali quietinha, agarramo-la e metemo-la na gaiola.

— Olhem que a pombinha deve estar doente!

— Não não, não está, dói-se somente de uma asa.

Deixei-os no seu gozo e fui à minha vida, saciado com a alegria dos pequenos. O meu pensamento fixou-se na atração que a natureza viva exerce sobre as crianças!

Pôr pequenos destes em requintadas vivendas no meio das cidades, como hoje se usa, é um erro contra-natura o qual ficará caro ao Estado e, mais ainda, às próprias crianças.

Não basta a técnica é necessário amor e o ambiente!

À noite apercebi-me de um corrupio para a despensa e fui saber. Ora, que havia de ser? Atrás da porta, uma gaiola com duas pombas. Os pequenos não contiveram o seu deslumbramento. Espalharam-no pela comunidade que se encaminhava quase toda, sedenta de ver o prodígio: Duas pombinhas aninhadas uma junta da outra, tristes na sua prisão, posse dos pequenos transmitindo-lhes uma alegria enorme!

Em Casa, recolhidas nos travessões do telhado da vacaria, temos mais de duzentas pombas que não se deixam apanhar pelos rapazes, se alimentam do penso das vacas e são bandos e bandos.

Mas... assim ao pé, podendo agarrá-las e dar-lhes carinho e comer... era algo de novo!

Quando, na manhã seguinte, cheguei à sala de jantar para o pequeno-almoço, senti um silêncio triste e, ao sentar-me à mesa, perguntei aos meus comensais, que são eles mesmos os mais pequenos, o porquê deste silêncio: — É que as pombinhas morreram esta noite. □

ERA O ANO I, N.º 25

Pai Américo

Uma Novidade

Um dos nossos rapazes foi aviar um recado a Lisboa. É verdade. Um gaiato de 14 anos e pouco mais, levou a missão de acompanhar um irmão doente a um Instituto e de caminho, entregou três mensagens em outros tantos Ministérios, — o pequenino mensageiro da nossa obra. Foi documento vivo; prova real; estímulo para outras obras.

Escrevi o itinerário, dei-lhe 300\$00, marquei tempo e lugares. O rapaz cumpriu satisfatoriamente. Chegou a casa à noite. Estávamos à ceia. Oh que matinada no refeitório! Todos saíram dos seus lugares irreverentemente, a saber coisas.

A novidade não está na ação do rapaz; qualquer um, de qualquer Estabelecimento congénere, podia fazer o mesmo.

Mandar que ele o faça. Interessa-lo no mandado. Deixa-lo abrir as asas e adejar; — eis a verdadeira novidade. É muito fácil, sim, mas nunca ninguém o fez, ao menos que se saiba. Os ovos de Colombo são raros, mas aparecem.

A gente ensaia, observa e guarda no peito os primeiros voos destas almas, sem esfregar as mãos nem botar foguetes.

A Casa do Gaiato não é nenhuma MÁQUINA DE FAZER SANTOS, como alguém disse, por picardia. Nós estamos aqui para fazer frente às realidades. É impossível que todos os nossos dêem tábua; muitos hão-de dar casqueira. É assim nas famílias bem nascidas. Com mais razão nesta, cujo nascimento foi desgraça, e infância, aborrecimento. É impossível. Aqui há tempos, foi-me dado ir buscar a certa cadeia, com licença do Ministro da Justiça, um rapaz. O Pai estava. Disse-me que tinha em casa mais sete filhos. — Eu, não sei, bom padre, como isto pode acontecer!

Tenho recebido na minha vida muitas cartas de Pais aflitos, algumas com sinais evidentes de lágrimas caídas no papel, tal o amor àquele filho! Pai e filho diante da realidade a viver o mistério do composto humano!

Ora eu também sou “pai”, porque sou padre. Já tenho sofrido e estou para sofrer; é a glória da paternidade. Bem sei que não faço santos; pudera eu santificar-me nesta vida que elegi, por graça de Deus. Sei o terreno que piso.

Quando amanhã os jornais disserem ao público o crime de um gaiato, basta encontrar um amigo que me saiba enxugar as lágrimas, como tantas que eu tenho enxugado a Pais e Mães dolorosos; — e caminho para a frente. □